

5. ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDITORA GLOBO E DA IDADE DE OURO DA TRADUÇÃO NO BRASIL¹



<https://doi.org/10.36592/9786554601726-05>

André Rodrigues da Silva²

Andrea Cristiane Kahmann³

1. Introdução

A chamada “Idade de Ouro” da tradução no Brasil teve como protagonista a Editora Globo, de Porto Alegre, assim costumeiramente referida para diferenciá-la do grupo Globo (Rio Gráfica e Rede Globo de Televisão) do empresário Roberto Marinho, que comprou a editora gaúcha no ano de 1986⁴. A Globo de Porto Alegre era composta pela Livraria do Globo, a Editora Globo e diversas revistas, dentre as quais a Revista do Globo e o Almanaque Globo. A Globo traduziu, ilustrou, editou, imprimiu, divulgou, promoveu a crítica e vendeu seus próprios livros a partir da década de 1930. Foi então que começaram a aparecer e se firmar grandes editoras como a Companhia Editora Nacional, a José Olympio, a Melhoramentos, a Vecchi, a Difusão Europeia do Livro, a Pongetti e a Civilização Brasileira. A Editora Globo diferenciou-se destas pela relevância que conferiu às traduções no seu catálogo e por sua posição geográfica: era então a única grande editora brasileira que não se situava em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Por meio da Globo, as traduções foram publicadas de forma

¹ Este tema vem sendo objeto de pesquisas do autor e da autora há algum tempo. Algumas reflexões aqui apresentadas podem ter sido desenvolvidas, com outras perspectivas, na tese doutoral de Kahmann e na dissertação de mestrado de Silva. A originalidade deste trabalho escrito a quatro mãos, porém, consiste na conciliação entre leituras e olhares, na atualização de algumas considerações, bem como no diálogo possibilitado pelas suas diferentes formações.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Filosofia e História da Educação pela UFPEL. E-mail: andresilva537@gmail.com.

³ Professora dos cursos de bacharelado em Letras – Tradução e pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), linha de Literatura, Cultura e Tradução. E-mail: andrea.kahmann@ufpel.edu.br.

⁴ Segundo Amorim (1999, p. 57), o empresário Roberto Marinho, da Rede Globo de televisão, que se tornara uma potência na década de 1970, pressionava para aquisição do nome “Editora Globo”, registrada pelo grupo editorial de Porto Alegre. A intenção de Marinho era unificar sob a denominação “Globo” todas as suas empresas de comunicação, que incluíam gráfica. Em 1986, o negócio se consolidou.

sistemática e estabeleceram-se os primeiros intentos da tradução literária como atividade profissional (PAES, 1990, p. 25).

Com relação à posição geográfica, por ser distante do coração de um Brasil, cuja capital ainda era o Rio de Janeiro, a Globo pode ser apresentada como uma editora de província, a qual, "ironicamente *desprovincianizou* e *modernizou* o leitor brasileiro" (AMORIM, 1999, p. 124) por meio de traduções. Sob a perspectiva da sociologia da produção cultural, seria possível analisar a conjuntura histórica e política brasileira em que esta editora do sul se diferenciou como polo produtor de literatura e das características e recursos formadores dessa identidade, como o fez Batista (2008). Com efeito, viabilizada por condicionantes locais e mobilizando capitais e recursos peculiares, a Globo promoveu, a partir das margens do território nacional, tomadas de posição que contribuíram para a estruturação do campo literário nacional. Por exemplo: para conquistar o escasso e esparso público leitor da época, criou folhetos periódicos, remetidos gratuitamente a todo território nacional. Essa estratégia colocou em circulação notícias informativas e críticas sobre escritores brasileiros e estrangeiros editados pela casa, assim contribuindo para a popularização da cultura no Brasil (CANDIDO, 1989) e a consolidação da literatura como sistema. Para além da qualidade de suas traduções, o êxito da Globo pode ser associado à excelência de seus artistas ilustradores (RAMOS, 2016), que não apenas integraram lindamente narrativas e ilustrações, mas também aproximaram o público leitor brasileiro às vanguardas artísticas europeias.

Este trabalho propõe-se como intersecção entre os postulados de Lieven D'Hulst ([2001] 2021) e referenciais, documentos e depoimentos levantados em âmbito local. No entanto, às questões de D'Hulst ([2001] 2021) agrega-se outra, relativa não ao objeto, mas à própria pesquisa: *a partir de onde* se escrevem as histórias da tradução? Entende-se que a história da tradução no Brasil, ao menos nas duas últimas décadas, tem sido contada pela perspectiva do sudeste, sobretudo de São Paulo, onde se concentraram as multinacionais, inclusive as dos livros, após a abertura do mercado promovida pelo governo Collor (1990-1992). À história da tradução no Brasil cabe a mirada crítica em face das hegemonias econômicas atuais, que se estendem à academia quando propõem perspectivas generalizantes a partir de panoramas parciais.

Para tanto, serão apresentadas informações e referenciais teóricos que discutem os antecedentes históricos da Globo, visando a responder por que a experiência que marca a "idade de Ouro" da tradução tem lugar no sul no Brasil. Assim, e considerando que o fenômeno da Editora Globo apenas foi viável graças à modernização do processo gráfico e editorial no Rio Grande do Sul no começo do século XIX, na primeira parte deste trabalho serão apresentados os fatores que impulsionaram o mecanismo editorial, de modo a possibilitar a compreensão do que, posteriormente, foi a Globo, de Porto Alegre. A isso se dedicará o ponto inicial, intitulado *Antecedentes históricos: o processo de modernização editorial no Rio Grande do Sul e a Livraria do Globo*. Na sequência, no ponto *Enfim, a Globo e a Era de Ouro da tradução no Brasil*, será apresentada uma análise sobre esta editora "de província", que, conforme Amorim (1991) e Torresini (1999), lançou, em um país ainda majoritariamente iletrado, as obras completas de Edgar Allan Poe, além de grandes nomes da literatura mundial como André Gide, Erich Maria Remarque, Flaubert, Maupassant, Franz Kafka, Ibsen, Katherine Mansfield, Virginia Woolf, James Joyce, John Steinbeck, Pirandello, Stendhal, Púchkin, Tolstoi e Verlaine. Para além disso, publicou *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, em sete volumes, e, também, *A comédia humana*, completa, em dezoito volumes, cada um com 500 a 600 páginas e um prefácio de um crítico contemporâneo de Balzac. Entre os tradutores da Editora Globo, figuram personalidades literárias como Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Lúcia Miguel-Pereira, José Lins do Rego, Sergio Milliet, entre outros, para além de escritores "locais". Entes estes, destacavam-se Erico Verissimo e Mario Quintana, mas a fortaleza da editora eram os migrantes estabelecidos em solo gaúcho, como Herbert Caro, e os intelectuais contratados a tempo integral que traduziram durante o período chamado "de Ouro". É o que se passa a discutir.

2. Antecedentes históricos: o processo de modernização editorial no Rio Grande do Sul e a Livraria do Globo

Este trabalho parte do pressuposto de que o êxito editorial da Globo, sobretudo nos anos 1930 e 1940, não deve ser compreendido como uma excentricidade

histórica, um fenômeno interessante *apesar de* ter ocorrido tão longe do centro do Brasil. Este foi um caso que somente poderia ter acontecido no sul do Brasil.

Para compreendê-lo, é preciso ter em conta, primeiro, que a história cultural do Rio Grande do Sul é tardia, se comparada ao restante do país, por ter sido este um espaço em disputa e com sucessivos conflitos bélicos até o século XIX para a definição de limites. A delimitação política das fronteiras com os países do Prata não impediu a sua permeabilidade: pessoas, mercadorias ou mesmo narrativas seguiram circulando (quase) livremente. A estratégia central para a consolidação dos limites estabelecidos às margens foi ocupar esse território, ainda pouco povoado, incentivando assentamentos em ondas migratórias europeias, que impactaram as estruturas sociais e fizeram conviver novas línguas e demandas culturais. Segundo Pesavento (2000), essas comunidades migrantes, ao se estabelecerem no estado, buscavam tornar-se pequenas proprietárias de terra e comércios (empórios, por exemplo), impulsionando novas categorias de negócios e lazer, em que os impressos se projetavam não somente como um novo produto, mas como oportunidade de participação pública e consolidação de conexões.

Para além disso, uma peculiaridade política do século XIX foi a forte influência do positivismo entre classes ilustradas gaúchas. Em tempos federalistas, a Constituição Gaúcha, de 1891, determinava em seu artigo 71, parágrafo 10, que seria "leigo, livre e gratuito o ensino primário ministrado nos estabelecimentos do Estado". Sob a égide desta Carta, o Rio Grande do Sul tornou-se, proporcionalmente, o estado mais alfabetizado do Brasil. Uma interpretação bastante liberal dessa Constituição local garantia liberdade, para além do ensino, à circulação de livros e impressos outros. Desse modo, editores gaúchos imprimiam sem necessitar de autorização e sem pagar taxas ou pagamentos outros, tais como direitos autorais. Essa peculiaridade é frequentemente citada como "pirataria", o que, a nosso ver, é um equívoco, pois não conformava uma afronta à lei, mas uma ação em concordância com a lei política local vigente.

Não é de espantar que uma província temporã, como o Rio Grande do Sul, apenas no final do século XIX tenha alcançado uma modernidade tardia, que manifestava uma série de tensões transmitidas como ambiguidades e contradições. O desenvolvimento rápido de instituições de ensino e editoras no final do século XIX

relacionava-se com o período positivista, comumente referido como desenvolvimentista autoritário, que pretendia compensar os atrasos coloniais e posicionar o estado junto às grandes potências da época. Hallewell (2012, p. 432) observou que, em 1891, já eram dez as instituições bancárias em atuação em Porto Alegre. Nem bem iniciara o século XX e a capital gaúcha já contava com faculdades de Engenharia, Direito, Medicina, Farmácia e sua própria Academia Militar. Observava, ademais, que a "educação nos níveis inferiores expandiu-se a tal ponto que, em 1907, o Rio Grande do Sul podia orgulhar-se de ter proporcionalmente mais crianças em idade escolar nas escolas do que qualquer outro Estado brasileiro: 228 por mil, em comparação com os 162 por mil de São Paulo" (HALLEWELL, 2012, p. 432). Como as relações com o Prata eram mais intensas que as com o centro do país, era inevitável que Porto Alegre pretendesse se comparar a Montevideu e Buenos Aires, mais avançadas em termos educacionais que qualquer região brasileira.

Até bem entrado o século XIX, porém, a cidade gaúcha mais pujante era Pelotas, distante 140 km da fronteira com o Uruguai e que conformou um importante polo econômico baseado no ciclo de charque (1780 – 1880). O processo de modernização do mercado editorial em Pelotas foi analisado por Arriada e Tambara (2014). Os impressos, até o século XIX, chegavam ao sul do Brasil através de contrabando marítimo, e frequentemente eram vendidos por mascates (LEITE, 2022), mas no século XIX passaram a interessar a casas de comércio regulares. A modernização do mercado editorial foi impulsionada por um desenvolvimento constante que o país enfrentava, pelo aumento populacional, a urbanização e estruturação do território nacional, sobretudo, neste caso, o estadual. Contudo, nos primeiros tempos, "a maioria dos livros e impressos que circulavam eram importados das grandes casas editoriais do Rio de Janeiro, principalmente da Laemmert" (ARRIADA e TAMBARA, 2014, p. 235). Isso se devia à estrutura social baseada na escravização, o que limitava a estruturação de um mercado editorial, ainda que voltado para a produção e edição de livros para consumo local.

No entanto, o Rio Grande do Sul, em grande parte naquilo que tange às modernizações na segunda metade do século XIX, precisava corresponder à produção nacional e mundial. Essa maneira de corresponder, ao que se imaginava na produção cultural, viria essencialmente do consumo de literaturas francesa e

portuguesa, agraciada pelo público local e usada como atrativo na expansão de casas de comércio que conjugavam livrarias, casas tipográficas e outros itens. A literatura francesa, a princípio, não se traduzia, pois “o consumo de livros era, em geral, privilégio de uma elite a tal ponto galicizada em sua educação (...) que era praticamente bilíngue” (HALLEWELL, 2012, p. 439). Apesar disso, era preciso despertar interesse pelas obras que o mercado livreiro punha à disposição de sua possível clientela. As casas tipográficas, que passaram a funcionar para além das livrarias, compuseram seus próprios impressos, de estrutura quase folhetinesca, a fim de propagar os produtos das atividades livreira e editorial locais e construir a sua própria identidade comercial.

Arriada e Tambara (2014) contabilizaram 35 pequenas casas editoriais em atuação na cidade de Pelotas entre 1847 e 1880. Entre elas, estavam a Casa Krahe (1869), a Tipografia Souza Soares (1874) e a Livraria Universal Echenique (1887). Também tinha sede em Pelotas a Livraria Americana (1871), de Carlos Pinto⁵, que editou uma Biblioteca Econômica, precursora dos livros de bolso, e fez circular autores como Zola, Maupassant, Dostoiévski e Turgueniev (PAES, 1990, p. 23), valendo-se da garantia constitucional positivista. Um dos volumes desta coleção, *O jogador*, em tradução de Alcides Cruz, é considerado a primeira tradução brasileira de Dostoiévski, segundo estudos citados por Steil (2021).

Para aproximar os impressos por elas produzidos e o público leitor, promoveu-se a produção de almanaques, a exemplo do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889), o Almanaque Popular Brasileiro (1894), o Almanach de Pelotas (1913)⁶, o Almanaque do Correio do Povo (1916), o Almanaque do Globo (1917), entre outros. O Almanak Litterario e Estatistico (1889 - 1917)⁷ era editado pela Livraria Americana, de Pelotas, circulando por todo o Rio Grande do Sul e além (STEIL, 2021).

⁵ Inicialmente, em 1871, a Livraria Americana designava-se “Carlos Pinto & Cia”, e estava sob os cuidados de José Pereira de Souza Pinto e seu cunhado Carlos Thomaz Pinto. Em 1916, ela foi adquirida pela Livraria Universal Echenique, inaugurada em 1887, momento em que foi ampliado significativamente o seu catálogo.

⁶ Editado no ano de 1913, na cidade de Pelotas, pelas Officinas Graphicas do Diário Popular. Optou-se neste trabalho por manter a grafia utilizada à época de sua publicação.

⁷ Sob a editoria de Alfredo Ferreira Rodrigues, o almanaque foi publicado de 1889 a 1917, e seguia um estilo característico da época, mesclando poesias, contos, charadas, notícias. Assim como se fez com o Almanach de Pelotas, optou-se também aqui por manter a grafia Almanak, utilizada à época de sua publicação.

Esses almanaques constituíram os primeiros informativos das atividades realizadas pelas livrarias e suas casas editoriais e, para além disso, buscavam intervir no cotidiano do público leitor, informando e instruindo, e, em alguns casos, posicionando-se ideologicamente. Dito de outro modo, pretendiam formar opiniões para muito além dos gostos.

Segundo Steil (2021), os almanaques constituíam um espaço privilegiado de encontro entre a cultura erudita e a cultura popular brasileira. As tipografias, livrarias e os almanaques surgidos no Rio Grande do Sul são de extrema relevância para a História Cultural e a História da Tradução no Brasil. Conforme Darnton, no que tange à relação entre os espaços livreiros e o público leitor, "a história cultural e a história da intelectualidade caminham para um processo de convergência no que diz respeito à cultura popular, onde ela é um sintoma de uma mudança dentro da própria história social" (1990, p. 193). Logo, a construção do impresso e sua disseminação pelos principais meios de divulgação e apropriação resultaram em uma modificação inevitável entre criador e público leitor, na coerção da linguagem e assimilação do objeto proposto. Ademais, consolidaram instituições, gostos e também um público leitor propício para a fundamentação de espaços amplamente calcados em tradução, como o foi a Livraria do Globo e sua posterior editora.

Apesar disso, como recorda Batista (2008, p. 57), em geral, os livros não eram os únicos bens comercializados por essas casas editoriais: a Livraria Americana, por exemplo, passados dez anos de sua fundação, anunciava sementes, alfafa, pasto e tintas para marcar roupa além dos livros, que conferiam prestígio ao estabelecimento. Essa "diversificação de negócios" contribuiu para o estabelecimento de relações de proximidade entre os comerciantes e o público. Da mesma forma, os almanaques diversificavam interesses, informavam, traziam recomendações, piadas e jogos de adivinhações para além de textos literários e comentários sobre traduções. Consolidava-se localmente um público de massa (ADORNO, [1947] 1985) e um engajamento, de modo a (trans)formar leitores em colaboradores dessa produção impressa comunicativa do seu tempo (SILVA, 2019).

Na transição da modernização que ocorreu na cultura gaúcha entre os séculos XIX e XX, as livrarias operavam como relevante espaço de socialização. Os almanaques, catálogos, folhetins e as revistas dessas livrarias cumpriram uma

função catalisadora da afetividade. Em Porto Alegre, a Livraria Gundlach, anterior à Globo, operava como “[p]onto de encontro, nos sábados à tarde, dos figurões políticos da província e dos intelectuais remanescentes da Sociedade Parthenon Literário” (LESSA, 1983, p. 5). Ali convergiam “Visconde de Pelotas, conselheiro Henrique Francisco de Avila, gente desse naipe” (LESSA, 1983, p. 5). A conexão entre Porto Alegre e o mundo se dava “através dos anuários Almanaque Bertrand e Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro e dos periódicos L’Illustration, Le Petit Journal, Le Figaro e Le Monde” (LESSA, 1983, p. 5). A importação de livros e periódicos estrangeiros, sobretudo franceses, seguiria forte até as primeiras décadas do século XX, o que não obstaculizou a produção local. Entre 1856 e 1899, circularam por Porto Alegre cerca de noventa jornais e revistas literárias, conforme Athos Damasceno citado por Ramos (2016). A Globo, que funcionaria das 6h30 às 22h, inclusive nos sábados, nesse período referido como “belle époque porto-alegrense” (RAMOS, 2016) seria o novo ponto de encontro da intelectualidade da capital gaúcha, que praticava o *footing* pela Rua da Praia iluminada com eletricidade e frequentava confeitarias, cafés, cinemas, quase todos ali localizados.

O Almanaque do Globo surgiu em 1917 e computou 17 edições até 1933, representando importante popularizador de matérias críticas, artigos e anúncios, que reportavam ao leitor a representação da sociedade em seu tempo (SILVA, 2019). O Almanaque do Globo operou como espaço de profissionalização e acreditação de prestígio de escritores e tradutores “locais” que, posteriormente, comporiam o núcleo de tradução da Globo, como Mario Quintana e Erico Verissimo. Em 1929, foi inaugurada a Revista do Globo, que o superou em relevância, mas prosseguiu a tarefa de catalisar vínculos com o público. A revista mantinha-se por meio de publicações de “retratos dos assinantes, o galante menino tal, a bela senhorita fulana, a rainha do Clube Recreio de Muçum, ecos do carnaval de Cacimbinhas ou São Sepé” (VERISSIMO, 2011, p. 29), além de “sonetos da autoria de coronéis reformados ou coletores aposentados que acontecia serem bons fregueses da Casa, circunstância em que o que menos importava era a qualidade literária dos versos” (VERISSIMO, 2011, p. 29). Contudo, o mesmo exemplar que publicara versos de péssima qualidade e retratos das senhoritas em bailes era o que fazia circular, muitas vezes sem referência a quem o tinha traduzido, contos da literatura universal e colunas como a

“o que estão fazendo os [nossos] tradutores”, que divulgava e gerava expectativa sobre as obras em processo de tradução.

O próximo ponto deste trabalho dedica-se ao portentoso empreendimento tradutório da Globo nos anos 1930 e 1940 e aborda aspectos sobre as coleções e a propagação dessas traduções para o público leitor.

3. Enfim, a Globo e a era de ouro da tradução no Brasil

Em 1883, foi fundada a Livraria do Globo por Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Alves Pinto. A criação de uma livraria que, ocasionalmente, acompanharia o surgimento da Editora Globo, tinha como proposta inicial a tipografia. A sociedade se desfaz e, em 1890, o imigrante italiano José Bertaso, que viria a ser determinante para os rumos da editora, foi contratado por Barcellos. Quando este faleceu, em 1917, a batuta dos negócios passou a três gerações de Bertaso: José, seus filhos e netos. Essa faceta de “negócio familiar”, na visão de Leite (2022), contribuiu para a extinção da editora. No período analisado neste trabalho, a Globo estava sob a liderança de José e seu filho Henrique Bertaso. Depois disso, careceu de uma perspectiva mais profissional para seguir competindo nos mercados livreiro e editorial brasileiros, que se transformaram aceleradamente, sobretudo a partir da década de 1970. A Editora Globo acabou sendo vendida ao jornalista Roberto Marinho em 1986. A Livraria do Globo seguiria operando até 2007, quando encerrou atividades. A outrora luxuosa Rua da Praia, hoje, chama-se Rua dos Andradas, e já não é tão famosa. O prédio construído em 1924 para sediar a livraria e a editora foi tombado e, em sua fachada preservada, ainda é possível ver a escultura, em ferro, de uma mulher e um menino juntos a um globo terrestre atravessado por uma faixa com a inscrição em latim: *Urbi et Orbi* [à cidade e ao mundo].

A Livraria do Globo diferenciou-se de suas concorrentes gaúchas e alcançou um novo patamar no processo de modernização editorial com a aquisição de uma linotipo que intensificou, modernizou e diversificou a produção de materiais impressos. Em 1930, quando se concebeu a abertura de uma editora, era a Globo que emitia bônus do tesouro do Estado (RAMOS, 2016). Essa experiência e as

aproximações com nomes da política local, que assumiram os rumos nacionais após a Revolução de 1930, possibilitou que Mansueto Bernardi, um dos “chefões” da Globo, assumisse a Casa da Moeda, a convite de Getúlio Vargas, um *habitué* da livraria. Isso abriu caminhos para Henrique Bertaso, quem comandou a editora e impôs novos rumos à produção de impressos para um comércio que se acelerava: a Globo produziria livros contábeis, manuais de estilo e de modelos de cartas, livros didáticos, reflexões sobre o país em construção, literatura de autores locais e, sobretudo, traduções. Foi sob o comando de Henrique Bertaso, e tendo Erico Verissimo como conselheiro editorial, que a Globo assumiu projeção nacional e, entre 1942 e 1947, conseguiu publicar traduções de qualidade tão excepcional que se consagrou chamar o período de “Idade de Ouro” da tradução no Brasil (WYLER, 2003).

Esses são, sucintamente, os antecedentes históricos que viabilizaram que a editora Globo fosse a protagonista de um dos mais relevantes capítulos da História da Tradução no Brasil. Os vínculos entre a Globo e o projeto de tradução engendrado pelo Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, dos Estados Unidos, entre 1943 e 1947 (MORINAKA, 2020), bem como os capitais mobilizados pelo grupo tomador de decisão na editora (BATISTA, 2008) também contribuíram, além do período autoritário de Vargas e da guerra na Europa. Deve-se considerar que Porto Alegre é uma importante comunidade judaica e vinha acolhendo, ao longo do século XX, diversos intelectuais e artistas judeus. Mas não só: também alemães em busca de paz se dirigiram às colônias germânicas estabelecidas no sul. Esse público multilíngue e multicultural precisou consumir literatura em tradução quando o Estado Novo proibiu as línguas italiana e alemã, e a guerra dificultou a importação de livros. Para Hallewell, a Segunda Guerra Mundial promoveu, no Brasil, “uma súbita e desconhecida prosperidade no negócio de livros” (2012, p. 445). Isso favoreceu especialmente a Globo, que já havia se consolidado no negócio de livros traduzidos. A guerra fez com que o público voltasse sua atenção a assuntos exteriores e, depois de 1942, especialmente aos Estados Unidos, que se tornam o carro-chefe das traduções da Globo, muito por influência de Erico Verissimo. A fluidez dos textos traduzidos, porém, deve ser o mais relevante aspecto a se tomar em conta para a compreensão desse fenômeno editorial. Como confessou Erico Verissimo (2011): “Tive de pôr “meias-solas” em traduções alheias malfeitas, e de passar para nosso

idioma livros estrangeiros que detestei. Que remédio? Era preciso enfrentar as contas crescentes no fim de cada mês" (VERISSIMO, 2011, p. 33).

O pagamento das contas ao fim de cada mês impunha à editora uma postura que Leite (2022) referiu como "ecumênica", pois ela publicou títulos de todas as nacionalidades e autores das mais diversas posições ideológicas, incluindo o polêmico escrito de Adolf Hitler, *Minha luta*.⁸ Esse "ecumenismo" tampouco discriminou entre a chamada "alta literatura" e narrativas mais ao gosto popular, que, não obstante, foram alocadas em diferentes coleções. Segundo Vieira (2017), a seleção de títulos para a vertente erudita cabia a Erico Verissimo, e os de viés popular eram escolhidos por Bertaso. Assim, foram formadas a **Coleção Amarela**, que publicou Edgar Wallace e Agatha Christie; a **Coleção Globo**, com romances, aventuras, amor, mistério e crime; a **Coleção Universo** e a **Coleção Catavento**. A alta literatura foi organizada entre a **Biblioteca dos Séculos**⁹, a **Coleção Nobel**¹⁰ e a **Biblioteca dos Pensamentos**. Essas duas últimas divulgaram a literatura francesa e anglo-saxônica, e tinham o intuito de servir alta literatura em tradução a um público seletivo e exigente.

A Coleção Amarela (1931 - 1956) foi "a mais importante coleção de romances policiais a ser publicada no Brasil" (KARAM e BOTTMANN, 2016, p. 213), seja pela quantidade de títulos, seja pela longevidade da coleção. Era formada por 151 títulos, descontando-se os sete duplicados entre os 158 volumes lançados, de 38 autores diferentes (KARAM e BOTTMANN, 2016, p. 213). Suas publicações eram espécies de *best-sellers* da época e lideravam o *ranking* de tiragens da Globo (AMORIM, 1999). O

⁸ A propósito, José Paulo Paes relatou: "Aliás, episódio curioso relacionado com uma tradução publicada pela Globo diz respeito ao famigerado livro de Hitler, *Minha luta*, por ela aqui lançado numa época em que era grande o interesse do público por memórias e biografias: no contrato firmado com o Partido Nacional Socialista da Alemanha havia uma cláusula proibindo que fosse a tradução feita por pessoa de ascendência judaica; a editora gaúcha vingou-se da proibição que teve de aceitar a contragosto incluindo nas abas do volume um texto de propaganda de livros de um escritor judeu por ela editado, pelo que se viu ameaçada de processo judicial pelos nazistas" (PAES, 1990, p. 28).

⁹ Conforme Vieira (2017, p. 47), foram incluídas nessa coleção *O vermelho e o negro*, de Stendhal, os contos de Tchekhov, de Edgar Allan Poe e de Guy de Maupassant, obras de William Shakespeare, Friedrich Nietzsche, Michel de Montaigne, Henrik Ibsen, Charles Dickens, Honoré de Balzac, Madame de Lafayette, Pierre Choderlos de Laclos.

¹⁰ A Coleção Nobel (1933 - 1958) constituiu-se de traduções de obras de Giovanni Papini, Honoré de Balzac, Alexander Pushkin, Gustave Flaubert, Franz Kafka, Voltaire, entre outros.

rápido retorno financeiro proporcionado por coleções populares como esta viabilizou projetos tradutórios de “alta literatura” e de igualmente elevados custos de produção. O processo desse moroso e oneroso projeto foi relatado por Verissimo:

Feita a escolha do tradutor, este fazia sem pressa o seu trabalho, tendo à sua disposição uma rica biblioteca em que havia dicionários e enciclopédias. [...]. Depois que o tradutor dava por terminado o seu trabalho, os respectivos originais eram entregues a um especialista da língua de que o livro fora traduzido, para que ele os confrontasse, linha por linha, com o original, procurando verificar a fidelidade da versão. Mas o processo não terminava aí. Havia uma terceira etapa, a em que um especialista examinava o estilo do livro, discutindo-o com o tradutor, cujo nome ia aparecer sozinho no póstico do volume. Em caso de divergência havia uma arbitragem. Os livros estrangeiros publicados durante os quatro ou cinco anos em que esse esquema durou são de excelente qualidade no que diz respeito à tradução. O nosso chefe maior, porém, ficava apavorado – e com razão! – quando examinava o custo de tradução de cada obra. (2011, p. 45-46)

Esse processo foi encerrado em 1947, em uma das várias crises enfrentadas pela editora. Contudo, os clássicos são *best-sellers* de longa duração, como diz Bourdieu ([1970] 1996, p. 169), e continuariam cativando o público e mantendo a regularidades das vendas até o encerramento das atividades da Editora Globo, em 1986. Amorim (1999) contabilizou entre os recordistas de vendas de longo prazo da editora os 66 mil exemplares de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, os 27 mil exemplares de *Contraponto*, de Huxley, e os 24 mil livros vendidos de *Guerra e Paz*, de Tolstói. Nas memórias de José Otávio Bertaso (1993, p. 24), esses resultados provinham de títulos de boa qualidade, ter a melhor apresentação gráfica possível e, no caso das traduções, “assegurar a fidelidade e fluência do texto”. Para isso, não era necessário muito pessoal, mas poucas pessoas competentes e bem entrosadas entre si.

O grupo de tradutores profissionais que atuou para a Globo nesse período conformou uma rede de interessantes trocas. No período da “Idade de Ouro”, ao menos oito tradutores (LEITE, 2022) trabalharam na editora em tempo integral e com salário fixo, o que configurou uma importante etapa na profissionalização da profissão no Brasil. Dentre os que não alçaram projeção como escritores, destacam-

se Leonel Vallandro, Juvenal Jacinto, Herbert Caro e Homero de Castro Jobim. Entre os escritores-tradutores, estavam Mario Quintana, tradutor de Proust, e Erico Verissimo, tradutor de Huxley. Diversos outros colaboradores abrilhantaram o catálogo da Globo ao longo dos anos, tais como Cyro Martins, Ovídio Chaves, Sérgio Gouveia, Reynaldo Moura, Carlos Dante de Moraes, Moisés Vellinho, Ernani Fornari, Alcides Maia, Paulo Correia Lopes, Athos Damasceno, Telmo Vergara, Augusto Meyer e Dâmaso Rocha (VERISSIMO, 2011). Eles construíram as identidades próprias e a da editora, dando sentido às práticas sociais, como refere Roger Chartier ([2007] 2010).

5. Conclusão

Este trabalho apresentou antecedentes históricos que viabilizaram o ousado empreendimento tradutório ocorrido no sul do Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, mas, por certo, não teve a pretensão de esgotar o tema. Mais e novas pesquisas são necessárias para a compreensão deste período, obnubilado pela aquisição da Editora Globo pelo grupo Globo em 1986, pela progressiva centralização das atividades editoriais no sudeste do país e pela desmobilização de instituições dedicadas à pesquisa e à cultura nos últimos anos. Novos esforços são requeridos para levantar os nomes que atuaram junto à Globo e a outros empreendimentos gráficos calcados na tradução e localizados no sul do Brasil, tais como as editoras de Pelotas, bem como os títulos por eles publicados e as relações que travavam entre si e com editoras de outras localidades. Também serão bem-vindas novas discussões sobre o impacto da Constituição Positivista Gaúcha de 1891 na consolidação precoce de um sistema de literatura em tradução para fazer frente a demandas culturais das classes ilustradas locais e sobre a eventual "pirataria" literária existente no período. Neste trabalho, apresentou-se brevemente como a posição geográfica privilegiada do Rio Grande do Sul, de permeáveis fronteiras e sob constantes influxos culturais dos países do Prata, auxiliou na construção de um ambiente multicultural e multilíngue, o que foi potencializado pela chegada de diversas ondas migratórias europeias no período em tela. A contraditória postura política de Getúlio Vargas, que embora integrante do clã positivista, acabou

por impor um ideário monolíngue e unitário de nação durante o Estado Novo também carece de mais análises sob a ótica da história da tradução. Afinal, são os estudos historiográficos no campo da tradução que possibilitam a expansão dos conhecimentos teóricos, na medida em que proporcionam uma flexibilidade intelectual para a adoção de novos pontos de vista, demonstrando a relação entre práticas e abordagens e evitando a aderência a uma única teoria e uma única perspectiva.

Estudos futuros, espera-se, poderão rediscutir a hipótese adotada neste trabalho de que o empreendimento tradutório sediado no sul do Brasil entre o final do século XIX e primeira metade do século XX não foi uma excentricidade histórica, mas um fenômeno que, naquele momento, só poderia ter acontecido no Rio Grande do Sul. Este era, afinal, proporcionalmente o estado mais alfabetizado do Brasil e com um público leitor de gostos já formados pelos empreendimentos editoriais locais. Em 1930, as elites políticas gaúchas preparavam-se para impor ao Brasil o seu modelo de desenvolvimento que, embora autoritário, contribuiu para a consolidação de um sistema literário e uma indústria editorial digna do nome. É Antônio Cândido (1989, p. 192) quem recordaria que “só depois de 1930 se generalizaria em grande escala este desejo de nacionalizar o livro e torná-lo instrumento da cultura mais viva do País”. A Globo, nas décadas de 1930 e 1940, apostando em traduções, foi uma editora de província que desprovincianizou o sistema literário nacional, colocando-o em contato com grandes nomes da literatura mundial. Por certo, isso não implica dizer que a Globo não tenha publicado também literatura original e genuinamente brasileira. Além de Erico Verissimo e Mario Quintana, já citados como tradutores, editou Dyonélio Machado e Vianna Moog, ambos perseguidos por Vargas, e o próprio Getúlio Vargas, marcando essa postura que Leite (2022) referiu como “ecumênica”.

Este trabalho apresentou um caso da história da tradução do Brasil ocorrido no sul a partir de uma perspectiva também do sul. Em assim procedendo, para além das questões de D’Hulst ([2001] 2021) sobre como e por que escrever histórias da tradução, propôs-se refletir: *de onde* se escrevem essas histórias? Opina-se que, nas últimas décadas, as histórias da tradução no Brasil, ao menos as impressas, vêm sendo marcadas pela perspectiva sudestina, sobretudo a de São Paulo, onde se concentraram as grandes empresas atuantes no Brasil, inclusive as dos livros, após

a abertura para o capital estrangeiro. A quebradeira de empresas locais na década de 1990 não poupou editoras e livrarias, que progressivamente foram fechando suas unidades nas ruas das cidades e deslocando os livros, à força, primeiro para os *shopping centers*, depois para as compras *on-line*. No entanto, a história da tradução, tal como a entendemos, vincula-se à história cultural e tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam ou ao menos pela realidade que os circundam. Por essa razão, é necessário que sigamos escrevendo diferentes histórias sobre várias traduções a partir de perspectivas diversas.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMORIM, Sônia Maria. **Em busca de um tempo perdido**: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP, 1999.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias de Pelotas. RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas: V. 2: Arte e Cultura**. Santa Maria/RS: PRÓ- CULTURA-RS. Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

BATISTA, Karina Ribeiro. **A trajetória da editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940**. 2008. 226f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BERTASO, José Otávio. **A Globo da Rua da Praia**. São Paulo. Globo, 1993.

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 432p.

CÂNDIDO, Antônio. A revolução de 1930 e a cultura. CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. 223p.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

D'HULST, Lieven. Por que e como escrever histórias da tradução? Tradução de Helena Lúcia Silveira Barbosa e Maria Teresa Mhereb. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. 2, 2021.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2012.

KARAM, Sergio Bandeira; BOTTMANN, Denise Guimarães. A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956). **Belas Infiéis**, v. 5, n. 3, 2016.

LEITE, Luiz Osvaldo. **Entrevista a Gilberto Schwarzmann (2022)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkdCC9uSFyA>. Acesso em: 22 nov. 2022.

LESSA, Barbosa. **Livraria do Globo**. Relatório da Diretoria. 100 anos: 1883 - 1983. Porto Alegre, Globo, 1983.

MORINAKA, Eliza. **Tradução como política**. Salvador: EDUFBA, 2020.

PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Burguesia Gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2000.

RAMOS, Paula. **A modernidade impressa**: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2016.

RIO GRANDE DO SUL. **Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul (1891)**. Disponível em:

https://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=oknlkK_3Etc%3d&tabid=3107. Acesso em: 29 mar. 2023.

STEIL, Juliana. Literary Translation in Southern Brazil: Livraria Americana's Almanak. Judith Weisz Woodsworth. (Org.). **Translation and the Global City - Bridges and Gateways**. 1ed.Londres: Routledge, 2021, p. 107-132.

SILVA, André Rodrigues da. **O Almanaque do Globo**: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

TORRESINI, Elisabeth W. R. **Editora Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: Edusp: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1999.

VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**: pequeno retrato em que o pintor também aparece. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIEIRA, Júnia Cristina Vaz. **As coleções da Editora Globo de Porto Alegre**: inovação e ineditismo (1930-1960). 2017, 80 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

WYLER, Lia. **Língua, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.